

## “EL CUENTO DE NUNCA ACABAR”<sup>1</sup>



Josina Nunes Magalhães Roncisvalle  
(Mestranda em Estudos da Tradução – POSTRAD/UnB-Brasília/DF/Brasil)  
josinanunes.nut@gmail.com

**Resumo:** Este artigo propõe algumas reflexões sobre as teorias da tradução e sua aplicabilidade pelo tradutor. Para isso, utiliza-se de texto de Valery Larbaud, como tradutor e pensador da tradução, e do conto “O livro de areia”, de Jorge Luis Borges.

**Palavras-chave:** história da tradução, teorias da tradução.

**Abstract:** *This article discusses certain theories of translation and its applicability by the translator. For this, we use text Valery Larbaud as translator and thinker of the translation, and the short story “The Book of Sand”, by Jorge Luis Borges.*

**Keywords:** *history of translation, translation theories.*

O título deste artigo, tomado de empréstimo de um texto de Valery Larbaud, será adotado como moldura para algumas reflexões sobre a história da tradução e dos Estudos da Tradução. Considerando desde as peças que acompanham as obras traduzidas, como prefácios, comentários da tradução, até as teorias contemporâneas, propomos um diálogo entre alguns aspectos históricos e teóricos da tradução. Objetivamente, como poderia se dar o tratamento de uma ou outra teoria na prática da tradução? Não se põe em discussão, naturalmente por seu incontestável valor, a importância que essas teorias podem assumir para o tradutor no ato de pensar seu lugar nos contextos político-sociais e culturais em que atuam. Como recurso para nosso trabalho, além de elementos do campo próprio da tradução, partindo aqui de Valery Larbaud, muitas disciplinas poderiam oferecer substância para lastrear nosso propósito. Entretanto, encontramos na literatura, em Jorge Luis Borges precisamente, uma metáfora interessante para sua realização.

Voltando ao nosso título, “El cuento de nunca acabar” é, na verdade, um pequeno capítulo (apenas duas páginas e meia) do livro *Sob a invocação de São Jerônimo* (LARBAUD, 2001, p. 91). Aí, Larbaud conta como, quando se decidiu a reunir escritos sobre sua experiência como tradutor com vistas a uma publicação, um grande número de amigos e conhecidos começou a lhe oferecer referências de textos já publicados sobre a tradução. E lhe trouxeram ou sugeriram muitas obras, muitos autores, para que ele os lesse, como generosas

---

RONCISVALLE. “El cuento de nunca acabar”  
*Belas Infiéis*, v. 1, n. 2, p. 73-81, 2012.

ajudas. Esses amigos chegavam invariavelmente surpresos com a quantidade de teóricos da tradução que descobriam, desde que suas curiosidades foram despertadas pelas intenções de Larbaud. Não que o fato fosse surpreendente para ele, que tinha grande intimidade com o tema. Assim é que, em um dos parágrafos de seu *São Jerônimo*, Larbaud declina dezenas de obras e de autores, uma verdadeira, segundo afirma, “[...] numerosíssima família de obras, cuja compilação exigiria uma especialização de vários anos (LARBAUD, 2001, p. 92). Nesse brevíssimo capítulo, ele conclui com estas palavras: “Seguramente, a enumeração de todos os teóricos da Tradução seria *el cuento de nunca acabar*, e somente um catálogo-dicionário poderia fazer isso” (LARBAUD, 2001, p. 93).

Se considerarmos que o comentário que acabamos de ler foi tecido ainda no início da década de 1940, tendo em vista que *Sob a invocação* foi publicado em 1946, o que nos diria, hoje, Valery Larbaud diante dessa *cultural turn*, do fato de que a teoria da tradução tenha passado por uma ampliação tão extraordinária nas últimas décadas, vindo a constituir-se num novo e vasto campo de estudo, os Estudos da Tradução?

74

Ora, nesse ponto, impossível não se lembrar de um dos mestres da literatura, e também tradutor, Jorge Luis Borges, com seu *O livro de areia*, pois Larbaud suscita, com seu comentário, a metáfora das infinitudes borgeanas, quando se refere à profusão de teorias da tradução. Invocamos, então, a força das imagens desse *livro* de Borges, cujo adjunto *de Areia* remete justamente ao fato de que o livro da narrativa possui uma quantidade infinita de páginas, comparável à imensurabilidade da areia, matematicamente sem princípio nem fim. Assim define Borges, por intermédio de seu personagem, o livro como infinito, uma vez que “o número de páginas deste livro é exatamente infinito. Nenhuma é a primeira; nenhuma, a última” (BORGES, 1999, p. 114).

Assim definido o “livro de areia” borgeano, intentamos transferir sua atmosfera para o campo da Tradução, tendo como objetivo desdobrar de outras maneiras as questões definidas no início deste artigo. Esse exercício, ou simulação, apresenta, de outro modo, nossas indagações: tal qual o narrador do conto, por sinal colecionador de traduções da Bíblia, nós, estudantes da Tradução, diante das teorias da tradução e da imensidão de páginas escritas sobre o assunto, não nos quedamos, em muitos momentos, numa espécie de misantropia, como diria Larbaud, para dar conta de suas leituras? Algumas vezes, não se poderá imaginar que há algo de “monstruoso” nessa infinitude que não se sacia, que nos abisma? Não nos inclinamos, em algum tempo, a “perder” esse “livro de areia”, deixá-lo em alguma estante da qual manteremos segura distância, como faz o narrador de Borges quando se vê tomado de

indescritível espanto? Nossos esforços aqui se dão no sentido de, ao indagar, nos aproximarmos, por uma espécie de gravidade, das respostas que buscamos.

Começamos por desconfiar que, ao estudante de Tradução atual, não é dado o “esquecimento” de seu “livro de areia”, que está sempre à mão, aonde quer que vá. Sob esse imperativo, talvez seja hora de virar aqui algumas páginas de nossas teorias tradutórias, para pensarmos melhor sobre o capítulo de Valery Larbaud, “El cuento de nunca acabar”, e dar mais azo a nossas inquietações. Isso nos solicita a começar de um começo que, dificilmente, será o verdadeiro começo, pois, como escreve Edwin Gentzler, a “‘Teoria da tradução’ é e ao mesmo tempo não é uma área nova [...]”, ela “[...] é tão antiga quanto a Torre de Babel” (GENTZLER, 2009, p. 21).

Assim, conduzidos por Larbaud, Borges, Gentzler e outros, a princípio, nos encontramos aqui em um tempo antes do tempo, em um tempo mítico, quando da construção da Torre de Babel, episódio que nos lançou na multiplicidade de línguas e, por consequência, inaugurou a prática da tradução. E a tradução não aparece aí apenas como uma operação entre línguas diferentes, mas como um processo que envolve uma constelação de ocorrências que se processam dentro dessas línguas, na extensão de culturas diferentes, em que muito está em negociação. Desde então, a tradução acarretou, em maior ou menor escala, reflexões sobre sua prática.

Sabe-se, com segurança, que muitos tradutores escreveram sobre sua tarefa de traduzir, suas escolhas, seus critérios adotados, suas finalidades, suas dificuldades – isso desde sempre. Outras vezes, essas reflexões se originaram em fontes de outras práticas que não a tradução, da literatura, por exemplo. Esses escritos, via de regra, não chegaram a constituir tratados sistematizados sobre a tradução, mas foram apresentados como “adendos” às obras traduzidas, sob forma de apêndices que se constituíram nas primeiras teorizações da tradução, como mencionado, muito antes do desenvolvimento dos Estudos da Tradução como disciplina. Quanto à importância desses textos, podemos considerar as palavras de Valery Larbaud, que põem esse fato em relevo, mesmo que limitado ao campo do francês, mas que pode ser extensivo a outros:

[...] para conhecer bem a história da teoria da tradução na França, é indispensável conhecer as obras de muitos teóricos pertencentes a outros grandes domínios linguísticos. Contudo, se quisermos nos limitar ao domínio francês, convém ler não só os teóricos propriamente ditos, [...], mas também os *prefácios e notas* de muitos de nossos tradutores, que foram também teóricos da Tradução [...] (LARBAUD, 2001, p. 92, grifo nosso).

Para exemplificar o discurso de Larbaud, invocamos um dos textos mais estudados e discutidos dentro da teoria contemporânea da tradução, que veio nutrir algumas teorias e tem sido merecedor de incontáveis teses. Trata-se de *A tarefa do tradutor*, de Walter Benjamin, prefácio de suas traduções de *Les tableaux parisiens*, de Baudelaire. Ainda sobre o indiscutível lugar desses prefácios, Larbaud acrescenta que “nem mesmo o nosso Jerônimo, o grande teórico da tradução, ignorou seus predecessores nesse domínio: visivelmente o prefácio composto por Cícero para as traduções que fez de Demóstenes e Ésquines, [...] lhe é muito familiar” (LARBAUD, 2001, p. 92).

Tudo isso expresso corrobora a importância desse legado e o fato de que, apesar de divergências possíveis, os tradutores do passado deixaram uma inquestionável herança para as gerações posteriores. Como uma espécie de mapa inacabável, a tradução vem, desde sempre, se desenhando e incluindo novos dados ou territórios, novas descobertas, que são passadas adiante, como na construção de uma profunda camada de sedimentos. Em outras palavras, somos todos devedores.

76

No que tange às teorias da tradução em si, pode-se afirmar que as grandes discussões têm se travado basicamente em torno da questão de “como se deve traduzir?”, num nível mais prático, e de “o que é traduzir?”, num plano mais teórico. Na introdução de seu livro *Tradução: história, teorias e métodos*, Michaël Oustinoff insiste na necessidade de se levar em conta a dimensão histórica da tradução e define as principais tendências da tradução, sob

[...] três grandes eixos: o da problemática do espírito e da letra, distinção que podemos fazer remontar à tradução dos textos gregos pelos romanos ou dos textos bíblicos, primeiramente para o latim (a *Vulgata* de São Jerônimo), depois para as línguas vernaculares [...]. Nesse primeiro período, que vai até o Renascimento, o que se busca [é] certa fidelidade ao original, mas, nos séculos XVII e XVIII, opera-se um movimento de pêndulo na direção oposta: partindo do princípio de que uma tradução só seria bela se fosse infiel, os tradutores passaram a dar as costas à letra do original [...]. Atualmente, essas transformações não são mais aceitas (elas seriam consideradas como adaptações), o que exige demonstrar uma literalidade muito maior. (OUSTINOFF, 2011, p. 8).

Depois ainda, num salto, Oustinoff considera que a maioria dos escritos sobre a tradução é originária da crítica textual, tanto os textos religiosos quanto os literários, e é no quadro da crítica que ele situa as teorias contemporâneas da tradução. Essas teorias procuram inscrever a questão da tradução em um campo mais amplo de disciplinas, embora prevaleça, entre tantas, a preocupação com os mecanismos que se situam, na maior parte das vezes, num nível subjacente à tradução. Por outro lado, essas teorias têm se diversificado enormemente nas últimas décadas. Na medida em que novos campos do saber emergem por força de

pressões sociais e culturais, gestadas num panorama de globalização de todas as instâncias da vida e da dominação tecnológica, mais a tradução ocupa um lugar de transversalidade nas disciplinas contemporâneas. Por consequência, como diz Oustinoff, a tradução passou de fenômeno marginal a ocupar um lugar central.

Desse modo, os debates se afastaram da esfera unicamente da linguística, embora reconhecendo sua importante contribuição, e passaram a abarcar outras áreas, como a Antropologia, a Filosofia, a Psicanálise, a Teoria da Recepção, a Etnografia e muitas outras disciplinas. É tal a profusão de abordagens novas e de teóricos empenhados cada vez mais em expandir o conhecimento sobre a tradução que, como a exemplo de Valery Larbaud, podemos dizer que estamos em presença d'*el cuento de nunca acabar* ("Seguramente, a enumeração de todos os teóricos da Tradução seria *el cuento de nunca acabar*, e somente um catálogo-dicionário poderia fazer isso" LARBAUD, 2001, p. 93). Esse fenômeno, acreditamos, ocorre para ganhos da tradução. Há que se notar que ele se dá tanto a partir de tradutores que teorizam sobre suas próprias práticas, o que parece ser a maioria dos casos, quanto de pensadores que se dedicam aos estudos mesmo da tradução.

De tudo o que se vê é que a tradução se configura como um campo de estudos em permanente devir; por sua própria natureza, ela é impelida, em cada época, a revelar novas dimensões, como se essas se mantivessem ocultas e fossem trazidas à superfície na esteira dos eventos históricos. Pode-se dizer que a tradução mesma demanda, em cada época, em cada lugar, seus próprios corolários. Entretanto, não importa como venham revestidas, as velhas querelas do tradutor aí se apresentam: letra/sentido, fidelidade/infidelidade, literalidade/tradução livre, domesticação/estrangeirização, ganhos/perdas, e outras mais. Estas, de uma forma ou de outra, subsistem no bojo de todas as discussões, mesmo que adotem novas nomenclaturas. O que ocorreu seguramente, com a ampliação das reflexões sobre a tradução, foi um deslocamento do foco da discussão dessas dicotomias, que passaram a ser encaradas como uma discussão menor, e até mesmo supérflua, dentro de uma postura em que o texto era apenas matéria de interesse para a tradução, para levar em conta também seu contexto, ou seja, os fatores que interferem em sua produção. Isto é, todas essas questões que sempre estiveram presentes na mesa do tradutor se mostram sustentadas, em momentos diferentes, por eventos muito específicos. Por exemplo, o processo histórico de descolonização, ocorrido em vários continentes durante o século passado, com seus desdobramentos ainda atuais, faz pender as discussões sobre a tradução para questões antes

ignoradas. De forma idêntica, os novos estudos de gênero acarretaram também um aporte de questões ainda não discutidas ou levadas em conta pela tradução.

Assim, o enfoque na discussão do papel das traduções nas questões culturais e de identidade, sua função e seu lugar nos processos de imperialismo, tornou-se candente, e novas ferramentas críticas tiveram que ser desenvolvidas para abarcar essas novas amplitudes. Em consequência, muitas questões tiveram que ser claramente formuladas. Dentre essas questões, citamos as mais flagrantes, a partir de Gentzler:

Por que certos textos são produzidos e outros não?  
Qual a intenção por trás da tradução?  
Como os tradutores são usados por quem tem intenção?  
Podemos prever como uma tradução poderia funcionar em determinada cultura?  
(GENTZLER, 2009, p. 237).

As respostas a essas perguntas podem ser surpreendentes. Mas podemos, por exemplo, nos debruçarmos apenas sobre as traduções da Bíblia (que não são poucas, naturalmente) e os fatos que envolveram esses processos. A partir daí, verificaremos que eles são respostas eloquentes a tais indagações, o que demonstra que, mesmo que algumas dessas questões não fossem formuladas com o imperativo que são na atualidade, estiveram sempre no horizonte da vida do tradutor e nem sempre sem riscos. Na Europa do século XVI, na Inglaterra e na França, foram condenados à morte brutal os tradutores William Tyndale e Étienne Dolet, respectivamente. Muitos fatos podem atestar também outros aspectos da utilização nada inocente da tradução, com ou sem a concorrência dos propósitos ou alianças dos tradutores, e seus desempenhos, nem sempre heroicos. Mas isso fugiria a nossas metas deste trabalho.

Podemos, contudo, concluir que a tradução cumpre, como outras práticas submetidas à história, uma trajetória cheia de instabilidades e usos frequentes por parte do poder. Essa evidência, tão altamente marcada na atualidade, estimula a construção de novas relações com as culturas envolvidas na tradução e torna imperativo que esta leve em conta, em seus estudos, conhecimentos sobre minorias étnicas, religiosas, gênero, as literaturas consideradas menores, enfim, que adote uma postura menos eurocêntrica, segundo Gentzler. Com o avanço nos Estudos da Tradução na década de 1990, fala-se de uma “virada traducional”, abastecida no âmbito internacional pelas discussões acadêmicas em outras áreas do conhecimento, como a própria Linguística, a Antropologia, a Etnologia, a Psicologia e, principalmente, os estudos pós-coloniais, estes, em sua maioria, ocorrendo num movimento que se dá da periferia para o centro.

Outro dado muito importante na atualidade, ligado, a princípio, ao desenvolvimento das tecnologias de comunicação e que merece ser destacado, é que a tradução tem ocupado um espaço cada vez maior na vida particular das pessoas, que necessitam cada vez mais lançar mão dessa operação para se entenderem com suas demandas mais corriqueiras, seja no trabalho seja nas relações de afetividades e no lazer, tendo para isso que dispensar os serviços de tradutores profissionais e adotar a tradução automática (as “TA”) ou a tradução assistida por computador (as “TAC”), segundo informação colhida em Gentzler.

Enfim, resume-se que, em diversas épocas, a tradução foi marcada por suas características sociais e culturais, muitas vezes irreconciliáveis, como o embelezamento característico dos séculos XVII e XVIII na França, e as traduções literais do século XIX na Alemanha, ambas para corresponder a necessidades específicas de seus contextos históricos. Certamente, em nosso tempo, estão contingenciadas pelas emergências características da nossa época, profundamente marcada por um avanço espetacular nas tecnologias de tradução e por uma multiplicidade de teorias sobre a arte de traduzir, confirmadas e defendidas por Gentzler em suas *Teorias contemporâneas*:

[...] Espero ter mostrado como o estudante de tradução contemporânea está mergulhado em toda a rede de múltiplas línguas, discursos, sistemas de signo e culturas, todos os quais se encontram tanto no texto-fonte quanto no traduzido, que interagem no processo de tradução. O número de fronteiras sendo atravessadas em uma tradução é sempre múltiplo. Defendo, portanto, a implementação de múltiplas teorias de tradução a partir de uma variedade de disciplinas e discursos para analisar melhor a variedade que os significados e funções produziram; [...] (GENTZLER, 2009, p. 246).

Voltemos, a título de fechamento, para Valery Larbaud e seu capítulo, dando-lhe agora uma nova ênfase:

Seguramente, a enumeração de todos os teóricos da Tradução seria *el cuento de nunca acabar* [...]. Mas seria interessante – tarefa que me tentaria se eu fosse editor – extrair das obras deles, pouquíssimo conhecidas para a maioria, uma série de antologias que abrisse caminhos para reedições dos melhores ou dos mais agradáveis dentre eles (LARBAUD, 2001, p. 93).

Ou, se quisermos ainda, em termos borgeanos, é pertinente a fala abaixo, de *O livro de areia*, reveladora do espanto do narrador diante da descoberta da infinitude:

Pedi-me que procurasse a primeira folha.  
Apoiei a mão esquerda sobre a portada e abri com o dedo polegar quase pegado ao indicador. Tudo foi inútil: sempre se interpunham várias folhas entre a portada e a mão. Era como se brotassem do livro.  
– Agora procure o final.  
Também fracassei; mal consegui balbuciar com uma voz que não era a minha:  
– Isto não pode ser (BORGES, 1999, p. 113).

Semelhante a *O livro de areia*, em que sempre mais e mais páginas se interpolam à maneira de uma série infinita entre suas duas capas, o que causa uma espécie de assombro no narrador de Borges, pode-se projetar a tradução num quadro indefinidamente ampliado, em que o tradutor pode oscilar entre o texto original e o texto traduzido, como fronteiras fluidas de um entremeio de infinitas dobras. No entanto, nada parecerá absurdo quando lembrarmos que a tradução é uma prática cujo nascimento se relaciona com as demandas de um fato mítico e que também continuamente se tem projetado num pano de fundo histórico, ou seja, se dá na margem de uma ambiguidade. E nesse movimento, mesmo que se diga que em cada época ela tomou feições próprias e definidas, e ainda que algumas de suas questões pareçam nucleares em todos os tempos, como um eixo seguro que faz girar as outras reflexões que a elas se vêm somar a partir de suas emergências e oferecendo uma ilusão de estabilidade, ainda assim, ou mesmo por isso, o tradutor continua a ser um expectante com respeito ao surgimento de novas páginas. Contando com isso, diante do texto, talvez ele ainda se incline sozinho como seus precursores: ele, o texto, suas fontes de consulta, agora suas máquinas, e, ao final, lhe caiba elaborar de próprio punho suas notas e prefácios, que acompanharão seu texto traduzido.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, Jorge Luis. **O livro de areia**. Tradução de Lígia Morrone Averbuck. São Paulo: Globo, 1999.

DELISLE, Jean; WOODSWORTH, Judith. **Os tradutores na história**. Tradução de Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1998.

GENTZLER, Edwin. **Teorias contemporâneas da tradução**. Tradução de Marcos Malvezzi. São Paulo: Madras, 2009.

LARBAUD, Valery. **Sob a invocação de São Jerônimo**. Ensaios sobre a arte e técnicas de tradução. Tradução de Joana Angélica d'Ávila Melo. São Paulo: Mandarim, 2001.

OUSTINOFF, Michäel. **Tradução**. História, teorias e métodos. Tradução de Marcos Marcionílio. São Paulo. Parábola, 2011.

EL CUENTO DE NUNCA ACABAR. Disponível em: <<http://www.1de3.es/2005/04/05/cuento-nunca-acabar>>. Acesso em: 6 set. 2012.

---

<sup>1</sup> “Así, cuando a un asunto no se le adivina la conclusión por una sucesión indefinida de demoras, se le aplica el epíteto de cuento de nunca acabar.[...] Es un asunto cuyo fin o solución se retrasa indefinidamente.” Disponível em: <<http://www.1de3.es/2005/04/05/cuento-nunca-acabar>>. Acesso em: 6 set. 2012.